

*Eixo Temático 26 – Juventudes Contemporâneas Articulações com os Estudos Culturais, Gênero e Sexualidade.*

Kay Duarte Bezerra <sup>1</sup>  
Juliana Ribeiro de Vargas <sup>2</sup>

REPRESENTATIVIDADE DA JUVENTUDE AUTISTA LGBT  
NO PODCAST “INTROVERTENDO”

**RESUMO**

Este artigo apresenta reflexões da minha pesquisa<sup>3</sup> de mestrado “Juventude Autista”. Com aporte nos Estudos Culturais em Educação e nos Estudos de Gênero e Sexualidade, analiso o artefato cultural *podcast* “Introvertendo” articulando os conceitos de Juventude Contemporânea, Pedagogia Cultural, Representação, Transtorno do Espectro Autista-TEA e Gênero e Sexualidade. A juventude autista através dessa mídia ensina sobre o TEA por meio da fala do jovem autista sem deficiência intelectual e com linguagem funcional. Percebe-se que os jovens autistas que se identificam LGBTQIA+ são duplamente discriminados, haja vista, serem excluídos da comunidade LGBT QIA+, por serem autistas e da comunidade autista em razão da identidade sexual e/ou identidade de gênero diferenciada.

**Palavras-chave:** Juventude; Gênero e sexualidade; Pedagogia Cultural; Representação

**INTRODUÇÃO**

Partindo da intenção de realizar estudos que abordassem a juventude autista e, interessada em fazer despertar na sociedade o respeito, a inclusão e o repúdio a discriminação, realizei a presente pesquisa apoiando-me nos Estudos Culturais. Desta forma, investiguei o autismo na perspectiva dos Estudos Culturais em Educação considerando a mídia *podcast* um artefato cultural que produz pedagogia cultural, com o objetivo de analisar e problematizar representações produzidas pela juventude autista acerca das dimensões de gênero e sexualidade no *podcast* “Introvertendo”. A ideia foi abordar a questão das “diferenças dentro da diferença” investigando sobre gênero e sexualidade no TEA. O corpus analítico do estudo decorreu da análise dos episódios que abordaram sobre Homossexualidade, Bissexualidade e Autistas

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Luterana do Brasil-RS, [kay.duarte@yahoo.com.br](mailto:kay.duarte@yahoo.com.br);

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutora da Universidade Luterana do Brasil – RS, [juliana.vargas@ulbra.br](mailto:juliana.vargas@ulbra.br).

<sup>3</sup> Este resumo expandido foi resultado de projeto de pesquisa do curso de mestrado em educação.



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

LGBTQIA+. Tendo em vista o recorte definido sobre temas que tratassem a questão de gênero e sexualidade no autismo.

Foi possível perceber que a juventude autista LGBT QIA+ sofre discriminações em razão de sua identidade sexual e identidade de gênero, pois além da exclusão social ela ainda não é aceita dentro da própria comunidade do autismo como também pela comunidade LGBTQIA+, vivenciado a vulnerabilidade em razão de questionamentos sobre suas identidades de gênero e sexual.

### REFERENCIAL TEÓRICO

O Autismo consiste no distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social. Passou a ser compreendido como um Transtorno do Espectro do Autismo - TEA através da edição revisada do Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais - DSM-5. Recentemente, como forma de seguir as alterações do DSM-5, em 1º de janeiro de 2022 entrou em vigor a nova classificação do TEA orientada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) por meio da CID-11 (Classificação Internacional de Doenças).

A CID-11, outrossim, deixou em 2022 de compreender a transexualidade como distúrbio mental transpondo a classificação para condição referente a saúde sexual. Segundo Mello (2018, p. 166), essa nova categorização não proporcionou a “despatologização da transexualidade”, já que mudou a classificação para “incongruência de Gênero”. Donvan; Zucker (2017) apontam que pais e ativistas autistas têm dispensado seus esforços numa luta constante, a fim de fazer com que as autoridades públicas passem a enxergar as pessoas com TEA como sujeitos de direito.

Não diferente, a comunidade LGBTQIA+ vem travando constantes embates contra as posturas contrárias as discussões referentes a gênero e sexualidade por parte de uma sociedade LGBTfóbica que desrespeita e desvaloriza essa minoria em razão de uma suposta “ideologia de gênero”. Segundo Mello (2018), a comunidade LGBTQIA+ também busca mudanças de crenças e valores dos padrões heteronormativos com o intuito de construir uma sociedade sem sexismo, machismo e LGBTfobia.

Os jovens autistas do podcast “Introvertendo” se identificam como sujeitos neurodiversos, termo que vem de neurodiversidade. Esse termo, segundo Francisco Ortega (2008), designa que a condição de um sujeito atípico ou neurodivergente não é uma doença passível de tratamento ou cura e sim de uma condição de diferença humana que deve ser respeitada como qualquer outra diferença. Essa perspectiva demonstra o ativismo das pessoas



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

com deficiência para garantia de seus direitos humanos e da justiça social, buscando romper com o histórico processo do sistema de opressão como capacitismo, sexismo, LGBTfobia, racismo, para construir uma sociedade acolhedora da diversidade. (GESSER; BÖCK; LOPES, 2020).

A mídia *podcast* vem proporcionando às juventudes o direito de exercer a sua participação como transformadora da cultura. Segundo Camozatto (2014), as “pedagogias do presente” respondem as exigências de cada tempo produzindo sujeitos que correspondam e se adaptem a ele. No entanto, as transformações nos saberes e nas tecnologias tem contribuído para desalojar as certezas, a fim de provocar os sujeitos a atuarem em várias posições e isso faz com que a pedagogia atravesse processos de atualização constantes para corresponder as exigências contemporâneas.

Para a teoria cultural contemporânea a identidade e a diferença estão associadas a sistemas de representação. É um sistema linguístico e cultural arbitrário, indeterminado, ligado a relações de poder. Representar significa dizer “essa é a identidade”, “identidade é isso”. Nesse sentido, Hall (2003) defende que para investigar um sistema de representação faz-se necessário analisar a relação entre cultura e significado e que compreender os significados nos sistemas de representação depende da ideia de quais posições de sujeitos são produzidas e como os sujeitos são posicionados nesse sistema.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

No episódio #25 intitulado “Homossexualidade” os jovens autistas falam das tensões históricas em torno da homossexualidade em que ser gay/ lésbica era considerado crime. Alegam que essa é a orientação sexual mais comum depois da heterossexualidade, que passa por momentos históricos de preconceito, exclusões e um período de aceitação ainda controverso pela sociedade.

O integrante Marcos, ao se apresentar, diz:

“Eu como viado do grupo tenho bastante experiência nesse assunto, então. (Risos) [...] E se você for um viado bonito, e gostar de mim, pode mandar também seu contato no WhatsApp. Aceito nudes, pode mandar tranquilamente”. (INTROVERTENDO 25, 00:44 – 01:26).

Percebe-se uma linguagem típica jovem em que os participantes se autodenominam “Aspies” (termo oriundo de Asperger), falam de forma descontraída sobre o tema homossexualidade e demonstram naturalidade na expressão quanto a sua identidade de gênero. Representações sobre identidade sexual de uma juventude autista são trazidas pelo integrante Marcos quando registra que:

“Eu diria que ser um autista homossexual ou com tendências homossexuais é o que complica algo que já é complicado, por causa da resposta social que a gente tem contra o homossexualismo. Então, cê já tem um problema de relacionamentos sociais com autismo, já vem com todas essas dificuldades em se relacionar com pessoas e o fato de ser homossexual ou ter tendências homossexuais complica o que já é complicado, bastante... “(INTROVERTENDO 25, 18:11 – 18:43).

Importante destacar que para Louro (2003), é preciso entender o conceito de gênero como constituinte da identidade dos sujeitos que se caracteriza como uma pluralidade de identidades as quais estão em constante transformação. Essa constituição refere-se ao sentido de pertencimento a diferentes grupos étnicos, sexuais, de classe, de gênero, que transcende o desempenho de papéis, e é algo que faz parte do sujeito. Nesse contexto, percebe-se que a temática gênero e sexualidade é invisibilizada e estigmatizada pela família, pelo Estado e pela sociedade em relação aos indivíduos neurotípicos e quanto aos neurodiversos esse assunto ainda é considerado um tabu social. Vale comentar que tanto o Estatuto da Juventude (Lei 12.852/2013), quanto o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), dispõe sobre o direito do jovem com deficiência à diversidade, à igualdade, a não discriminação em razão de orientação sexual e deficiência, bem como, a capacidade civil para exercer direitos sexuais e reprodutivos e o respeito a sua identidade de gênero e orientação sexual. No entanto, se pode notar que os jovens autistas LGBT estão sendo excluídos o que demonstra a não garantia desses direitos.

No episódio #35 os jovens autistas voltam a abordar questões de gênero e sexualidade e falam sobre Bissexualidade. Os integrantes Tiago Abreu, Luca Nolasco e Otávio Crosara falam de suas experiências e conhecimentos sobre bissexualidade, bem como, demonstram que a identidade sexual de cada um é bem definida, como se vê nessa apresentação no início do programa:

**Tiago Abreu:** Um olá pra você que escuta o podcast introvertendo que é feito para neurotípicos e neurodiversos e que também faz uma série sobre sexualidade. Meu nome é Tiago Abreu e estou aqui com Luca Nolasco e Otávio Crosara para discutir bissexualidade. E eu já quero adiantar uma coisa Fredy Mercury não era gay.

**Luca Nolasco:** Olá eu sou Lucas e me descobri bissexual aos 16 anos.

**Otávio Crosara:** Olá meu nome é Otavio e eu sou heterossexual e gostaria de saber: eu posso falar neste podcast?

**Tiago Abreu:** com certeza! **Luca Nolasco:** acredito que sim  
Rizos

**Otávio Crosara:** Eu sei... (INTROVERTENDO 35, 0:32 – 1:05).

Na fala “Olá meu nome é Otavio e eu sou heterossexual e gostaria de saber: eu posso falar neste podcast?”, percebe-se que até entre os próprios autistas existe a dicotomia de gênero, pois o autista heterossexual entende que por ser um episódio que trata sobre a bissexualidade não poderia falar sobre o assunto. Aponta Brilhante et al (2021), que as experiências e as

expressões da sexualidade de pessoas autistas consistem num espectro assim como no autismo.

A juventude autista apresenta uma diversidade de identidade sexual e de identidade de gênero como se pode perceber na citação acima existem autistas homossexuais, bissexuais, heterossexuais e essa evidência não pode ser invisibilizada.

Importante destacar que no episódio #201 “Sexualidade no Autismo” o integrante Tiago Abreu e a convidada, médica Raquel Del Mond, neuropsiquiatra da infância e adolescência, falam sobre o artigo publicado na revista *Nature Communications*<sup>4</sup> (2020), a pesquisa investigou indivíduos transgêneros e de gênero diverso e observou taxas elevadas de autismo e traços autistas nessa população. (INTROVERTENDO, 201, 8:00 – 13:50)

Concluíram que indivíduos transgêneros e de gênero diverso tem uma quantidade maior de traços de autismo do que os neurotípicos, ou seja, há maior presença de transexualidade e não-conformidade de gênero entre pessoas com autismo.

Esse estudo levantou a hipótese de que isso seria possível em razão de indivíduos autistas se conformarem menos com as normas sociais e se identificarem fora do binário de gênero estereotipado e explicam que tanto os autistas quanto os transgêneros e de gênero diverso são grupos marginalizados e que autistas transgêneros ou de gênero diverso necessitam de apoio e proteção.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma investigação pautada nas teorizações dos Estudos Culturais com abordagem pós-estruturalista deve ater-se as questões da contemporaneidade buscando contestar os pensamentos consolidados, romper com as certezas, os estigmas e o que parece ser naturalizado nesse mundo atual. Nessa perspectiva, articular as diferenças dentro da diferença entendendo estar estreitamente ligado as teorizações dos Estudos Culturais em Educação, já que estes buscam problematizar os estigmas discutindo, também, sobre questões de classe, raça, etnia, gênero de determinada minoria, no caso as questões de gênero e sexualidade da pessoa com TEA.

Importante destacar que a pesquisa do artigo publicado na revista *Nature Communications* (2020) nos faz refletir acerca da vulnerabilidade em que os autistas LGBTQIA+ estão inseridos em razão da discriminação e de questionamentos sobre suas identidades de gênero. Todavia, faz-se necessário cuidado com interpretações estereotipadas de

---

<sup>4</sup> WARRIER, Varun; (*et al*). “Elevated rates of autism, other neurodevelopmental and psychiatric diagnoses, and autistic traits in transgender and gender-diverse individual”, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41467-020-17794-1>. Acesso em: 05/jun. 2022.



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade  
IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,

patologização de que todas as pessoas LGBT tem Transtorno do Espectro Autista ou outro diagnóstico psiquiátrico, repetindo-se a histórica e absurda culpabilidade a esse grupo como foi o caso do HIV.

Com tudo isso, penso que uma investigação pautada nesse sentido traz novas possibilidades de temas atuais para as pesquisas no campo dos Estudos Culturais em Educação e nos Estudos de Gênero e Sexualidade.

### REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 12.852 de 05 de agosto de 2013**. Estatuto da Juventude. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm). Acesso: 29 jul. 2022.

BRASIL. **Lei nº 13.146/2015 de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm). Acesso: 29 jul. 2022.

BRILHANTE, Aline Veras Morais et al. “Eu não sou um anjo azul”: a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 2021, v. 26, n.2, p.417-423. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021262.40792020>. Acesso em: 12 mai. 2022.

CAMOZZATO, Viviane. Pedagogias do Presente. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n.2, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/JQGQqFY6bhHXDRrLj8Sn56P/?lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2021.

DOLVAN, John; ZUCKER, Caren. **Outra Sintonia: a história do autismo**. Tradução Luiz A. de Araújo. 1ª ed. Companhia das Letras. São Paulo, 2017.

GESSER, Marivete; BÖCK, Geisa Letícia Kempfer; LOPES, Paula Helena. (organizadoras). **Estudos da deficiência: anticapacitismo e emancipação social**. 248p., Curitiba: CRV, 2020.  
GROPPO, Luís Antônio. **Introdução à Sociologia da Juventude**. Jundiaí. Paco Editorial, 2017.

HALL, Stuart. Quem precisa de Identidade? In: Silva Tomaz Tadeu da Silva (Org). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-112.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MELLO, Luiz. **Corpo Gênero e Sexualidade: resistências e ocup(ações) nos espaços da educação**. Organização: RIBEIRO...[et al]. Rio Grande: Ed. da FURG, 2018



ORTEGA, Francisco. **O Sujeito Cerebral e o Movimento da Neurodiversidade**. Jan/2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/TYX864xpHchch6CmX3CpxSG/?lang=pt>  
Acesso em 21 ago.2021.

PODCAST INTROVERTENDO: BRASIL. Disponível em [www.introvertendo.com.br](http://www.introvertendo.com.br).  
Acesso em 31 jul. 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 8ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.